

REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE LOUCURA NO VOCABULÁRIO PORTUGUEZ E LATINO

Amanda Bastos Amorim de Amorim

Orientadora: Vanise Gomes de Medeiros

Doutoranda

RESUMO: Neste artigo, indicamos os conceitos fundamentais e primeiros resultados de uma investigação em andamento sobre verbetes relacionados a patologias em dicionários de Língua Portuguesa e Dicionários de Medicina. A pesquisa se dá na área de História das Ideias Linguísticas, apoiada no arcabouço teórico da Análise de Discurso francesa e se insere na interface dos Estudos de Linguagem com a História da Medicina. Neste momento, em particular, será apresentado um gesto de análise do verboete *loucura* presente no Vocabulário Português e Latino, de Bluteau (1712-1728). A metodologia aplicada é semelhante à apresentada por Nunes (2006), observando e destacando os eixos parafrásticos, a fim de analisar cada uma das partes e os efeitos de sentidos produzidos. Para tanto, recortamos algumas sequências discursivas deste verboete. Neste dicionário, encontramos a noção de loucura vinculada a três posições distintas: (i) uma primeira que fala da ausência ou da lesão da memória, sendo esta localizada em uma região específica do cérebro; (ii) uma segunda da relação com a sapiência, sendo os loucos dotados também de alguma capacidade positiva; (iii) a terceira de uma relação com o divino, em que se contrapõe um conhecimento religioso que diz da loucura como razão de veneração e um outro que reafirma a loucura como um problema do corpo e não da alma. Interessa compreender como se constitui uma certa memória lexicográfica em torno da loucura e quais filiações ideológicas comparecem nas acepções encontradas neste dicionário.

PALAVRAS-CHAVE: História das Ideias Linguísticas, Análise de Discurso, Dicionários, Loucura.

Introdução

O presente artigo traz resultados preliminares que constituem parte de uma pesquisa de doutoramento mais ampla que objetiva investigar o funcionamento discursivo de verbetes relacionados a questões de saúde mental, gênero e sexualidade em dicionários de Medicina e dicionários de Língua Portuguesa. Estas obras são *instrumentos linguísticos*, tais como gramáticas, glossários e outros, na medida em que dão “acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo locutor” (Auroux, 2009 [1992], p. 70). Em particular, interessa investigar como, nestes instrumentos, ocorre o processo de

patologização e despatologização de fenômenos, ou seja, quando algo deixa de ser considerado normal e passa a ser ou uma doença, sinal ou sintoma de uma doença, bem como o processo inverso, quando deixa de se atribuir a um fenômeno o estatuto de patológico.

Será apresentado, a seguir, o verbete *loucura* como encontrado no Vocabulário Português e Latino. Neste dicionário, como veremos, encontramos a noção de loucura vinculada a três posições distintas: (i) uma primeira que fala da ausência ou da lesão da memória, sendo esta localizada em uma região específica do cérebro; (ii) uma segunda da relação com a sapiência, sendo os loucos dotados também de alguma capacidade positiva; (iii) a terceira de uma relação com o divino, em que se contrapõe um conhecimento religioso que diz da loucura como razão de veneração e um outro que reafirma a loucura como um problema do corpo e não da alma. Interessa compreender como se constitui uma certa memória lexicográfica em torno da loucura e quais filiações ideológicas comparecem nas acepções encontradas neste dicionário.

Dicionários na História das Ideias Linguísticas

Os primeiros dicionários de Língua Portuguesa foram editados durante o século XVIII, um período particularmente interessante do ponto de vista de quem lida com áreas da saúde. Nesse mesmo período, a Medicina encontra-se no que pode-se chamar *fase nominalista*, que antecede a *classificatória* hoje hegemônica (Foucault, 1994 [1980]). Isto significa que estava em curso uma profunda mudança na própria Medicina. Se até o século XVIII as doenças eram nomeadas e tratadas, na virada do século XIX observa-se a hierarquização dos fenômenos entre sinais/sintomas e síndromes, sendo as últimas conjuntos das primeiras.¹

Nos primeiros dicionários de Língua Portuguesa, o de Bluteau (1712-1728) e o de Moraes (1789), a ausência de alguns termos específicos também significa. Não constam verbetes como *normal* e *patológico*, constando no significado de *patologia* apenas como a área da Medicina que estuda as doenças² e não como sinônimo da própria doença em si, como comparece a partir do século XIX. O comparecimento ou ausência de verbetes, os

¹ Foucault (1994 [1980]: XVII) afirma que “uma gramática dos signos substituiu uma botânica dos sintomas”, ou seja, se antes as doenças eram apenas catalogadas – conforme a comparação com a botânica –, elas passam a ser documentadas e os sintomas são colocados em uma forma de hierarquia, na qual as patologias passam a conter os sintomas, analogamente às frases, que contêm as palavras.

² Em Bluteau 1712-1728 consta: “He a parte da medicina, que ensina a conhecer os achaques, assim do corpo como do espirito, a sua natureza, as causas, os symptomas, &c. [...]”. Em Moraes (1789) encontramos: “Parte da Medicina, que ensina a conhecer, e a distinguir, as doenças”.

significados a eles atribuídos, as rubricas em que são inscritos, os exemplos dados e quaisquer outros aspectos em torno dos verbetes estão relacionados ao processo de dicionarização, conforme se vê a seguir.

Segundo Nunes (2006: 45), dicionarização é “o processo histórico-discursivo de construção de dicionários” e o autor acrescenta que “[...] o estudo da dicionarização implica e explicitar os processos históricos que levam à formação desse objeto, bem como em mostrar o aparecimento e as transformações das práticas que permitem sua construção”. É fundamental, portanto, situar tanto os dicionários de Língua Portuguesa quanto aos dicionários de Medicina. Sobretudo, interessa situar um em relação ao outro como práticas discursivas atravessadas pela história e pela ideologia, conforme sintetizado por Scherer et alii (2014):

O discurso implica práticas sociais e delas não pode ser desvinculado. É ao estabelecer essas relações que Pêcheux coloca o homem em relação com a história, o que, dito de outra forma, significa compreender que o sujeito se constitui no discurso, interpelado ideológica e historicamente e sob a inalienável condição de ser dotado de inconsciente. Assim, a noção de história passa a compor o aparato fundamental, já que para nós ela consiste no “fazer sentido”.

A compreensão sobre como os sentidos circulam está relacionada também às reflexões sobre as estruturas de poder. No caso de dicionários, instituições os produzem, reproduzem e divulgam (Nunes, 2008) e não podem ser analisados sem que se levem em conta as estruturas de poder ali presentes. Explica Nunes (2008: 96):

Mostrar o modo como as instituições realizam um trabalho de documentação trará condições para um conhecimento das obras, dos autores e dos modos de circulação, de acúmulo ou de rarefação do saber lexicográfico. Convém também atentar para algumas mudanças institucionais. Se as Academias tiveram um papel significativo nos inícios da lexicografia monolíngüe, assim como as editoras, que fomentaram a imagem do autor individual e constituíram grandes equipes e bancos de dados, atualmente temos também as universidades, as quais vêm consolidando um lugar expressivo de formação de lexicógrafos e de produção de dicionários. Lembremos também do lugar que a escola ocupa na circulação dos dicionários, sobretudo no século XX, com a expansão do ensino e a atuação de instituições como o Ministério da Educação.

Se no caso dos dicionários monolíngues estão presentes as instituições mencionadas e refletir sobre a escola é fundamental, particularmente a partir do século XX, refletir sobre a

Clínica é fundamental para que se compreenda a institucionalização dos saberes na Medicina e a circulação dos sentidos.

Foucault é autor essencial para tecer reflexões sobre a Clínica, descrita pelo autor como “conjunto enunciativo simultaneamente teórico e prático, descritivo e institucional, analítico e prescritivo, composto tanto de inferências como de decisões, tanto de afirmações como de decretos” (Foucault, 2005 [1994]: 109).

Importa também destacar a peculiaridade da abordagem foucaultiana, que interessa, tanto pela historiografia que o autor apresenta sempre aliada aos contextos – o contrário do que a historiografia tradicional defende, que se apoia em datas, nomes e acontecimentos fora de contexto, sob a ilusão da imparcialidade – quanto pela minúcia metodológica do autor, que diz do que vai além das dicotomias, além da norma e do desvio, da normalidade e da patologia, da sanidade e da loucura.

Se a Medicina é uma ciência que se debruça sobre as doenças, a Clínica é a instituição que a sustenta a partir da virada do século XVIII. Observa-se ali uma profunda mudança na descrição dos fenômenos, no discurso sobre a doença, passando da medicina nominalista para a classificatória, em que os sinais e sintomas são agrupados e, então, compõem as patologias. Na atualização do conhecimento médico, a história tende a ser apagada, gerando ainda uma ideia de acúmulo de conhecimento, de forma que se busca a totalidade dos conhecimentos sobre o corpo humano. Foucault, refletindo sobre este processo de atualização do conhecimento em que se perde o histórico, afirma:

É preciso renunciar a todos esses temas que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença em si mesmo no jogo de uma ausência sempre reconduzida. É preciso acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimento: na pontualidade em que ele aparece e na dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até os seus menores traços, enterrado, bem longe de qualquer olhar, na poeira dos livros. (FOUCAULT, 2005: 91)

O autor defende, portanto, que não sejam apagadas as tradições anteriores, indicando posicionamento diametralmente oposto à ciência positivista, ao acúmulo que esconde os processos de produção de conhecimento. Retornando ao foco específico da Medicina, que está sujeita a esse mesmo mecanismo, Foucault sintetiza este movimento da seguinte forma: “A clínica é, ao mesmo tempo, um novo recorte das coisas e o princípio de sua articulação em uma linguagem na qual temos o hábito de reconhecer a linguagem de uma ‘ciência positiva’” (FOUCAULT, 1994 [1980]: XVII).

Desta forma, os movimentos de retomadas, apagamentos e esquecimentos de saberes construídos anteriormente podem ser observados na mudança do discurso na virada do século XVIII. Sobre as reorganizações do discurso, o autor afirma:

[...] a clínica aparece para a experiência do médico como um novo perfil do perceptível e do enunciável: nova distribuição dos elementos discretos do espaço corporal (isolamento, por exemplo, do *tecido*, região funcional de duas dimensões, que se opõe à massa, em funcionamento, do órgão e constitui o paradoxo de uma “superfície interna”), reorganização dos elementos que constituem o fenômeno patológico (uma gramática dos signos substituiu uma botânica dos sintomas), definição das séries lineares de acontecimentos mórbidos (por oposição ao emaranhado das espécies nosológicas), articulação da doença com o organismo (desaparecimento das entidades mórbidas gerais que agrupavam os sintomas em uma figura lógica, em proveito de um estatuto local que situa o ser da doença, com suas causas e seus efeitos, em um espaço tridimensional). (Foucault, 1994 [1980]: XVII)

Dadas estas reflexões preliminares sobre a Clínica, é possível passar às considerações sobre o Vocabulário Portuguez Latino.

1.1 Dicionários de Língua Portuguesa

O *Vocabulário Portuguez e Latino*, de Bluteau, data de 1712 e é particularmente interessante para esta pesquisa por trazer significados extensos e ricos em detalhamento para os verbetes, em que são trazidas a memória de grandes autores e crenças populares, próprios dos saberes lexicográficos sobre os quais este dicionário é construído. Nunes (2006: 52) explica:

Não é um texto antigo que serve de fonte para as compilações e as interpretações lexicais. É o relato que produz as primeiras descrições, definições e comentários. Do corpo do relato destacam-se as formulações lexicográficas, as quais mais tarde serão reaproveitadas, transformadas, sintetizadas, nos dicionários bilíngues e monolíngues dos séculos XVIII e XIX.

Este dicionário, portanto, difere da forma como posteriormente serão escritos os verbetes. Ele se inscreve ainda numa tradição barroca e, ao trazer a memória dos grandes autores institui o que Nunes (2006) chama *dicionário de autoridade*, recorrendo à tradição literária para atribuir os significados aos verbetes e exemplificar os usos. Por exemplo, o verbe *loucura*, cuja análise detida faremos mais adiante, Bluteau evoca dizeres de autores

como Catão, Aristóteles e inclusive o Alcorão: “No seu Alcorão, manda Masoma q se venerem os loucos, como homens extáticos, & absortos no espirito divino”.

Observemos, inicialmente, como o verbete é construído, a fim de, a seguir, analisar cada uma das partes e os efeitos de sentidos produzidos. Para tanto, foram recortadas algumas sequências discursivas deste verbete.

LOUCURA: Falta, ou privação de juízo. Segundo Galeno 3. *loco aff.* 5; he hũa carencia de razão, com lesão da memoria. Notavel mal he a loucura, os que o padecem, não o sentem. Ha loucos mais fizudos, que os homens mais fabios. Dizia Catão, que dos loucos mais aprendião os fabios, que dos fabios os doudos. Aristoteles, & Seneca dizem, que não ha homem de grande talento sem vea de doudo. Xerxes, Rey da Persia, mandou açoutar o mar, por engulir a sua armada. Edificou Alexandre Magno a Cidade Bucephalia em memoria de seu cavallo *Bucephalo*, que o tinha servido bem na guerra, & com funebre magnificencia mandou enterrar a este bruto. *Plutarch. in vita Alexand.* Perdeo El Rey Cyro o seu cavallo em hum rio perto de Babilonia, em vingança mandou o dito Rey fangrar em sessenta partes o rio. *Herodot. lib. 1.* Ctesiphon, Atheniense, enfadado contra a sua mula; jugava aos couces com ella. Escreve Bercorio, que na Ilha de Chio ha huma fonte, que faz enlouque-

cer a quem bebe della. O primeiro grão para a loucura, he blazonar da sua sapiencia. Assim como ha fabios infelices, também ha loucos venturosos. No seu Alcorão manda Masoma q se venerem os loucos, como homens extaticos, & absortos no espirito divino. A loucura não he qualidade d'alma (como imaginãrão alguns Gentios) he mã disposição dos instrumetos com q obra. Muitos pays de grande entédimento tiverão filhos de pouco juízo. Da sabedoria de seus pays degenerãrão os filhos de Antonio, & de Cicero; Semelhantes a estes forão Polthumo, filho de Agrippa; Claudio de Druso; Caio de Germanico; Commodo de Marco Antonio; Lamprode de Socrates; Aridéo de Felipe; daqui nasceo o adagio, *Heroum filii noxæ*, de que faz Sparciano menção na vida de Septimio Severo. Hum louco em Salamanca dizia a outro, porque lho chamava, que de setenta, & tantas especies de loucura, como se podia escapar de alguma. Loucura. *Insania, Amentia, Dementia, Stultitia, Insipientia, & Fem. Cic.*
A loucura de alguns homens, em fazer quintas magnificas. *Insania villarum, Cic.*

Figura 1: Verbetes *loucura* no dicionário de Bluteau

Logo após a entrada, lê-se, na definição, que loucura é a “falta ou privação de juízo”. Convém observar o que o mesmo dicionário traz por definição em *juízo*, que é “potência, ou qualidade intellectual, com que o homem distingue o bem do mal, & a verdade da mentira”. Portanto, a loucura é definida como a ausência de juízo, que, como vimos, resulta na incapacidade de o sujeito distinguir entre bem e mal, verdade e mentira.

Mais adiante comparecem elementos que Nunes (2006: 40) denomina *contextualização*, que permitem a compreensão aprofundada da definição e indicam

elementos da historicidade dos enunciados. Bluteau traz referências de grandes autores e conhecimentos populares, estabelecendo a relação entre loucura e a sabedoria. Neste processo, são encontradas outras posições, conforme veremos a seguir.

As referências iniciam por Galleano, médico e filósofo grego, de quem se toma a definição de loucura como “carência de razão, com lesão da memória”. Este enunciado não apenas mobiliza um exemplo que emprega o termo a definir, como ele próprio lista acepções para loucura, o que insere outros termos na rede de sinonímias e paráfrases para loucura. Analisemos mais detidamente:

SD1: Segundo Galleano [...] he hua carência da razão, com lesão da memória.

Dois termos são fundamentais para análise desta SD1: “razão” e “memória”. Ao consultar o verbete “razão”, são encontradas as mesmas oposições que em “juízo”, ou seja, esta sinonímia estabelecida reafirma a paráfrase da loucura como incapacidade de discernir bem e mal, verdadeiro ou falso. Mais adiante, é dito que “ao homem foi dada a razão” e que a razão “é cousa Divina, porque nada obra Deos sem razão”. Estes últimos dois excertos indicam uma ingerência do divino sobre a razão e, retomando as sinonímias estabelecidas, no juízo e na loucura do sujeito. Além disso, conforme mostra Nunes (2006), em particular em sua análise do verbete *paciente*, a formulação da definição mostra a presença de um sujeito “experimentador”, ou seja, é o sujeito ao qual algo ocorre – neste caso, a razão é dada ao sujeito por algo da ordem do divino.

A *memória* é definida como “faculdade d’alma, na qual se conservão as especies das cousas passadas, & por meyo da qual nos lembramos do que vimos, & ouvimos. Reside esta potencia no terceiro ventriculo do cerebro [...]” e, a partir daí, seguem outras paráfrases e exemplos do uso. Dado que a formulação do enunciado na SD1 é “lesão da memória”, compreende-se que a loucura é definida como resultado de uma lesão cerebral na região que se acreditava ser responsável pelo armazenamento de lembranças.

Retomando a SD1, com as definições que o mesmo dicionário traz para os termos centrais para análise, temos que a loucura é a ausência juízo, de razão, ou seja, é o sujeito ser desprovido de uma dádiva divina que o possibilita diferenciar bem e mal, em decorrência de uma lesão que afeta uma região específica de seu cérebro. A loucura é algo que o sujeito sofre, que o acomete e retira dele um atributo importante de sua alma, reforçando a noção de

sujeito experimentador, que se mostrará como uma regularidade entre as posições que comparecem neste dicionário.

A seguir, se diz que “notável mal é a loucura, os que o padecem não o sentem”. Esta afirmação estabelece uma ideia de loucura que permanece vigente até hoje, de que o louco não tem consciência do que o aflige e aqui já comparece uma relação com a área médica, já que, sendo um dicionário de autoridade, como antes visto, traz a memória do discurso médico, de um outro que vê a loucura no sujeito, ao mesmo tempo que situa o sujeito como incapaz frente à própria condição.

Quando Bluteau retoma os pensadores gregos, como mostramos nas sequências discursivas a seguir, é posta também uma relação de mútua constituição entre loucura e sapiência:

SD2: Dizia Catão, que os loucos mais aprendiãõ do que os sabios, do que dos sabios os doudos.

SD3: Aristoteles, & Seneca dizem, que não há homem de grande talento tem vea de doudo.

Novamente são retomados autores clássicos, estabelecendo autoridade sobre o que se diz da loucura. Na SD2, observa-se a posição de que os sujeitos loucos teriam mais o que ensinar aos sábios do que o contrário e, na SD3, é evocada a memória de “homens de grande talento”, ou seja, a quem são atribuídas características extraordinárias. Desloca-se o sujeito louco de um lugar de ausência para um de possibilidades. Em relação à SD1, a SD2 e a SD3 trazem outras posições, outros discursos que circulam sobre o mesmo fenômeno. O comparecimento de posições diversas que podem inclusive apresentar uma contradição constitui uma característica muito importante do dicionário de Bluteau que, conforme se verá adiante, não se sustentará nos dicionários seguintes.

Outra posição que se observa no verbete é do Alcorão, como destacamos a seguir:

SD4: No seu Alcorão manda Mafoma q se venerem os loucos, como homens extáticos, & absortos no espirito divino.

A memória evocada pelo texto religioso estabelece uma relação mais próxima entre o divino e a loucura do que a observada na SD1. Além disso, o sujeito louco não é posto no

lugar da privação, em absoluto, mas em um lugar de veneração, por estarem tomados pelo espírito divino, mesmo a partir de vozes que evocam memórias de religiões diferentes.

Marcando ainda mais a heterogeneidade de que falamos anteriormente e apresentando mais uma posição, marcada novamente por um discurso atravessado por conhecimentos médicos, observe-se a SD5 a seguir:

SD5: A loucura não é qualidade d'alma (como imaginarão alguns Gentios) he má disposição dos instrumentos com q obra.

Comparecendo logo após a passagem sobre o Alcorão, esta passagem marca o conflito entre as posições. Inicialmente, se nega que a loucura seja qualidade da alma, sendo *qualidade* posta em oposição a *faculdade*.³ Esta oposição ressoa o debate da filosofia clássica sobre a própria constituição do ser humano. As faculdades, ou potências estão relacionadas ao conhecimento – portanto juízo e razão são faculdades – e as qualidades seriam elementos mais relacionados à essência da alma.⁴ Desta forma, a loucura não seria algo inerente ao sujeito, mas um defeito do corpo. Ancorando esta conclusão nos autores clássicos, o efeito de autoridade é contraposto ao que seria o senso comum. O sujeito lexicógrafo opõe o conhecimento erudito ao popular, desqualificando o segundo.

Considerações Finais

Nesta heterogeneidade em que comparecem tantas posições, nos deparamos com discursos diversos que circulam sobre a loucura e sobre o sujeito louco. Esta mesma heterogeneidade se apresenta também na própria história da noção de loucura e dos tratamentos dados aos loucos, entre o incapaz que sequer reconhece a própria condição ao mais sábio dos homens em contato íntimo com o divino.

Nos dicionários posteriores, investigados em um momento posterior da pesquisa, essa heterogeneidade de discursos sobre a loucura é suprimida, o que se explica tanto pela

³ A mesma oposição está presente nos verbetes razão e memória, sendo estas qualificadas como faculdades da alma.

⁴ Chegamos a esta distinção sucinta entre *faculdade* e *qualidade* a partir da consulta destes verbetes em Bluteau, em que são trazidas diversas vozes de filósofos clássicos. Recorremos também à consulta de *Sobre a Alma*, de Aristóteles, em que o autor disserta sobre a questão da alma, traçando paralelos entre as posições defendidas por outros autores clássicos. Qualificamos a partir dos traços mais gerais encontrados entre as múltiplas vozes a fim de não extrapolar o escopo desta análise.

mudança na própria escrita dos dicionários e pelas formações discursivas às quais se filiam quanto pela profunda mudança pela qual passa a Clínica, quando são buscadas descrições detalhadas das doenças e hierarquia entre sinais, sintomas e síndromes.

Em suma, encontramos a noção de loucura vinculada a três discursos distintos: um primeiro que fala da ausência ou da lesão da memória, sendo esta localizada em uma região específica do cérebro; um segundo da relação com a sapiência, sendo os loucos dotados também de alguma capacidade positiva; o terceiro de uma relação com o divino, em que se contrapõe um conhecimento religioso que diz da loucura como razão de veneração e um outro que reafirma a loucura como um problema do corpo e não da alma. Nestas diferentes posições, é observado regularmente um sujeito experimentador, que é acometido pela privação ou passa a ser detentor de alguma bênção ou habilidade extraordinária.

REFERÊNCIAS

AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1992].

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Forense Universitária. 1994 [1980].

FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005 [1994].

MORAES, A. *Diccionario da lingua portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789.

NUNES, J. H. *Dicionários do Brasil: Análises e História*. Campinas: Pontes, 2006.

NUNES, J. H. O discurso documental na história das idéias lingüísticas e o caso dos dicionários. *Alfa*, 2008.

SCHERER, A.E.; SOUSA, L.A.; MEDEIROS, V.; Petri. V. O lugar dos estudos franceses na constituição de uma memória da Análise do Discurso no Brasil. *Letras*, 2014.